

O VELHO DO RIO

O nome das pessoas foi suprimido para não constranger os envolvidos e o relato dos fatos foi bem resumido, pois na íntegra poderia dar um livro. O ano foi 2000, a guarnição era composta por cinco mergulhadores. Partiu para o município de Caçu, onde o solicitante informou que um garoto de apenas quatorze anos havia desaparecido nas águas de um rio.

Ao chegarmos no local, deparamos com um rio caudaloso e com forte correnteza, difícil para o mergulho. Como o horário já estava avançado, não foi possível realizar as buscas no dia que chegamos, ficando as atividades para o outro dia. No dia seguinte, por volta das seis horas da manhã, começamos as buscas na região e realizamos vários mergulhos nas proximidades, porém não obtivemos êxito.

Por volta das dez horas, percebemos que uma canoa se aproximava. Nela estava um senhor de aproximadamente sessenta anos, com cabelos grisalhos, vestindo uma calça azul de brim, camisa manga longa branca, chapéu de palha e botinas já desgastadas. Aproximando-se, nos cumprimentou de forma educada e polida, com uma forma de falar muito culta.

Este senhor nos indagou sobre a ocorrência, perguntando como estavam as buscas. Respondi que estava difícil, pois o local não ajudava. Com uma educação fora do comum, ele me pediu um favor, disse-lhe que, se estivesse dentro do meu alcance, eu o faria. Diante disso, ele pediu que mergulhasse em um ponto determinado do rio que nós ainda não tínhamos passado.

Curioso com o pedido daquele senhor, falei que faria o que ele me pediu se me dissesse por que. Ele apenas me respondeu que era porque o corpo do menino estava lá. Surpreso com a resposta e ainda incrédulo, fui mais além, perguntei mais uma vez por que. Então ele me revelou o que mudaria minha concepção sobre determinados dogmas religiosos. Em seu relato, ele me disse o seguinte: - Olha bombeiro, esse menino ficou a noite toda ao lado de minha cama pedindo que eu viesse até vocês para pedir que fossem mergulhar lá. Assim encontrariam rápido o seu corpo, pois ele não queria ver sua mãe sofrendo. Ele também pediu que pedisse a ela para parar de chorar, pois ele estava bem na companhia do pai e do avô. Além disso, que dissesse que a maninha não tinha culpa dele ter caído no rio.

Como havíamos esgotado os locais de busca e no local onde ele nos indicara não tínhamos mergulhado. Assim, organizamos tudo e realizamos o mergulho. A profundidade não passava dos três metros e, pra meu espanto, ao chegar no fundo, toquei meu braço no corpo do jovem desaparecido. Após entregar o corpo ao órgão competente, voltei minha atenção aquele velho do rio, ele me fitou profundamente e eu sem palavras apenas me despedi com um aceno de mão.

Bartolomeu Nunes Filho.